

DOMINGO IV DA QUARESMA

CIC 280, 529, 748, 1165, 2466, 2715: Cristo, luz das nações

280 A criação é o *fundamento* de «todos os desígnios salvíficos de Deus», «o princípio da história da salvação»¹, que culmina em Cristo. Por seu lado, o mistério de Cristo derrama sobre o mistério da criação a luz decisiva; revela o fim, em vista do qual «no princípio Deus criou o céu e a terra» (*Gn* 1, 1): desde o princípio, Deus tinha em vista a glória da nova criação em Cristo².

529 A *apresentação de Jesus no templo*³ mostra-O como Primogénito que pertence ao Senhor⁴. Com Simeão e Ana, é toda a expectativa de Israel que vem ao encontro do seu Salvador (a tradição bizantina designa por *encontro* este acontecimento). Jesus é reconhecido como o Messias tão longamente esperado, «luz das nações» e «glória de Israel», mas também como «sinal de contradição». A espada de dor, predita a Maria, anuncia essa outra oblação, perfeita e única, da cruz, que trará a salvação que Deus «preparou diante de todos os povos».

748 «A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar todos os homens com a sua luz que resplandece no rosto da Igreja, anunciando o Evangelho a toda a criatura»⁵. É com estas palavras que começa a «Constituição Dogmática sobre a Igreja» do II Concílio do Vaticano. Desse modo, o Concílio mostra que o artigo de fé sobre a Igreja depende inteiramente dos artigos relativos a Jesus Cristo. A Igreja não tem outra luz senão a de Cristo. Ela é, segundo uma imagem cara aos Padres da Igreja, comparável à lua, cuja luz é toda reflexo da do sol.

1165 Quando a Igreja celebra o mistério de Cristo, há uma palavra que ritma a sua oração: *Hoje!*, como um eco da oração que lhe ensinou o seu Senhor⁶ e do chamamento do Espírito Santo⁷. Este «hoje» do Deus vivo, em que o homem é chamado a entrar, é a «Hora» da Páscoa de Jesus, que atravessa e sustenta toda a história:

«A vida derramou-se sobre todos os seres e todos são inundados duma grande luz; o Oriente dos orientes invade o universo e Aquele que era “antes da estrela da manhã” e antes dos astros, imortal e imenso, o grande Cristo, brilha mais que o Sol sobre todos os seres. É por isso que, para nós que n’Ele cremos, se instaura um dia de luz, longo, eterno, que não se extingue: a Páscoa mística»⁸.

¹ Cf. Sagrada Congregação para o Clero, *Directorium catechisticum generale*, 51: AAS 64 (1972) 128.

² Cf. Rm 8, 18-23.

³ Cf. Lc 2, 22-39.

⁴ Cf. Ex 13, 2.12-13.

⁵ II Concílio do Vaticano, *Const. dogm. Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

⁶ Cf. Mt 6, 11.

⁷ Cf. Heb 3, 7-4, 11; Sl 95, 8.

⁸ Pseudo-Hipólito de Roma, *In sanctum Pascha* 1, 1-2: *Studia patristica mediolanensia* 15, 230-232 (PG 59, 755).

2466 Em Jesus Cristo, a verdade de Deus manifestou-se na sua totalidade. «Cheio de graça e de verdade»⁹, Ele é a «luz do mundo» (Jo 8, 12), Ele é a verdade¹⁰. Quem nele crê não fica nas trevas¹¹. O discípulo de Jesus «permanece na sua palavra» para conhecer «a verdade que liberta»¹² e que santifica¹³. Seguir Jesus é viver do «Espírito de verdade»¹⁴ que o Pai envia em seu nome¹⁵ e que conduz «à verdade total» (Jo 14, 17; 16, 13). Aos seus discípulos, Jesus ensina o amor incondicional à verdade: «que a vossa linguagem seja: “sim, sim; não, não”» (Mt 5, 37).

2715 A contemplação é o *olhar* da fé, fixado em Jesus. «Eu olho para Ele e Ele olha para mim» – dizia, no tempo do seu santo Cura, um camponês d’Ars em oração diante do sacrário¹⁶. Esta atenção a Ele é renúncia ao «eu». O seu olhar purifica o coração. A luz do olhar de Jesus ilumina os olhos do nosso coração; ensinamos a ver tudo à luz da sua verdade e da sua compaixão para com todos os homens. A contemplação dirige também o seu olhar para os mistérios da vida de Cristo. E assim aprende «o conhecimento íntimo do Senhor» para mais O amar e seguir¹⁷.

CIC 439, 496, 559, 2616: Jesus é o filho de David

439 Numerosos judeus, e mesmo alguns pagãos que partilhavam da sua esperança, reconheceram em Jesus os traços fundamentais do messiânico «filho de David», prometido por Deus a Israel¹⁸. Jesus aceitou o título de Messias a que tinha direito¹⁹, mas não sem reservas, uma vez que esse título era compreendido, por numerosos dos seus contemporâneos, segundo um conceito demasiado humano²⁰, essencialmente político²¹.

496 Desde as primeiras formulações da fé²², a Igreja confessou que Jesus foi concebido unicamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmando igualmente o aspecto corporal deste acontecimento: Jesus foi concebido «*absque semine, ex Spiritu Sancto* – do Espírito Santo, sem sêmen [de homem]»²³. Os santos Padres vêem, na conceição virginal, o sinal de que foi verdadeiramente o Filho de Deus que veio ao mundo numa humanidade como a nossa:

Diz, por exemplo, Santo Inácio de Antioquia (princípio do século II): «Vós estais firmemente convencidos, a respeito de nosso Senhor, que Ele é verdadeiramente da

⁹ Cf. Jo 1, 14.

¹⁰ Cf. Jo 14, 6.

¹¹ Cf. Jo 12, 46.

¹² Cf. Jo 8, 31-32.

¹³ Cf. Jo 17, 17.

¹⁴ Cf. Jo 14, 17.

¹⁵ Cf. Jo 14, 26.

¹⁶ Cf. F. Trochu, *Le Curé d’Ars Saint Jean-Marie Vianney* (Lyon-Paris 1927) p. 223-224.

¹⁷ Cf. Santo Inácio de Loyola, *Exercitia spiritualia*, 104: MHSI 100, 224.

¹⁸ Cf. Mt 2, 2; 9, 27; 12, 23; 15, 22; 20, 30; 21, 9.15.

¹⁹ Cf. Jo 4, 25-26; 11, 27.

²⁰ Cf. Mt 22, 41-46.

²¹ Cf. Jo 6, 15; Lc 24, 21.

²² Cf. DS 10-64.

²³ Concílio de Latrão, (ano 649), Canon 3: DS 503.

raça de David segundo a carne²⁴, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus²⁵; verdadeiramente nascido duma virgem [...], foi verdadeiramente crucificado por nós, na sua carne, sob Pôncio Pilatos [...] e verdadeiramente sofreu, como também verdadeiramente ressuscitou»²⁶.

559 Como vai Jerusalém acolher o seu Messias? Embora tenha sempre evitado as tentativas populares de O fazerem rei²⁷, Jesus escolheu o momento e preparou os pormenores da sua entrada messiânica na cidade de «David, seu pai» (Lc 1, 32)²⁸. E é aclamado como filho de David e como aquele que traz a salvação («Hosanna» quer dizer «então salva!», «dá a salvação»). Ora, o «rei da glória» (Sl 24, 7-10) entra na «sua cidade», «montado num jumento» (Zc 9, 9). Não conquista a filha de Sião, figura da sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da verdade²⁹. Por isso é que, naquele dia, os súbditos do seu Reino são as crianças³⁰ e os «pobres de Deus», que O aclamam, tal como os anjos O tinham anunciado aos pastores³¹. A aclamação deles: «Bendito o que vem em nome do Senhor» (Sl 118, 26) é retomada pela Igreja no «*Sanctus*» da Liturgia Eucarística, a abrir o memorial da Páscoa do Senhor.

2616 A oração *a Jesus* já foi sendo atendida por Ele durante o seu ministério, mediante os sinais que antecipam o poder da sua morte e ressurreição: Jesus atende a oração da fé expressa em palavras (do leproso³², de Jairo³³, da cananea³⁴, do bom ladrão³⁵) ou feita em silêncio (dos que trouxeram o paralítico³⁶, da hemorroíssa que Lhe tocou na veste³⁷, as lágrimas e o perfume da pecadora³⁸). A súplica premente dos cegos: «Filho de David, tem piedade de nós!» (Mt 9, 27), ou «Jesus, filho de David, tem piedade de mim!» (Mc 10, 48), foi retomada na tradição da *Oração a Jesus*: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador!». Seja a cura das doenças ou o perdão dos pecados, Jesus responde sempre à oração de quem Lhe implora com fé: «Vai em paz, a tua fé te salvou».

Santo Agostinho resume admiravelmente as três dimensões da oração de Jesus: «sendo o nosso Sacerdote, ora por nós; sendo a nossa Cabeça, ora em nós; e sendo o nosso Deus, a Ele oramos. Reconheçamos, pois, n'Ele a nossa voz e a voz d'Ele em nós»³⁹.

²⁴ Cf. Rm 1, 3.

²⁵ Cf. Jo 1, 13.

²⁶ Santo Inácio de Antioquia, Epistula ad Smyrnaeos 1-2: SC 10bis, p. 132-134 (Funk 1, 274-276).

²⁷ Cf. Jo 6, 15.

²⁸ Cf. Mt 21, 1-11.

²⁹ Cf. Jo 18, 37.

³⁰ Cf. Mt 21, 15-16; Sl 8, 3.

³¹ Cf. Lc 19, 38; 2, 14.

³² Cf. Mc 1, 40-41.

³³ Cf. Mc 5, 36.

³⁴ Cf. Mc 7, 29.

³⁵ Cf. Lc 23, 39-43.

³⁶ Cf. Mc 2, 5.

³⁷ Cf. Mc 5, 28.

³⁸ Cf. Lc 7, 37-38.

³⁹ Santo Agostinho, Enarratio in Psalmum 85, 1 CCL 39, 1176 (PL 36, 1081); cf. Instrução geral da Liturgia das Horas, 7: Liturgia Horarum, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 24 [Liturgia das Horas, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 26].

CIC 1216: o Baptismo é Iluminação

1216 «Este banho é chamado *iluminação*, porque aqueles que recebem este ensinamento [catequético] ficam com o espírito iluminado...»⁴⁰. Tendo recebido no Baptismo o Verbo, «luz verdadeira que ilumina todo o homem» (Jo 1, 9), o baptizado, «depois de ter sido iluminado»⁴¹, tornou-se «filho da luz»⁴² e ele próprio «luz» (Ef 5, 8):

«O Baptismo é o mais belo e magnífico dos dons de Deus [...] Chamamos-lhe *dom*, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo e tudo o que há de mais precioso. *Dom*, porque é conferido àqueles que não trazem nada; *graça*, porque é dado mesmo aos culpados; *baptismo*, porque o pecado é sepultado nas águas; *unção*, porque é sagrado e régio (como aqueles que são ungidos); *iluminação*, porque é luz irradiante; *veste*, porque cobre a nossa vergonha; *banho*, porque lava; *selo*, porque nos guarda e é sinal do senhorio de Deus»⁴³.

CIC 782, 1243, 2105: os cristãos são chamados a ser a luz do mundo

782 O povo de Deus possui características que o distinguem nitidamente de todos os agrupamentos religiosos, étnicos, políticos ou culturais da história:

- é o povo *de Deus*: Deus não é propriedade de nenhum povo; mas adquiriu para Si um povo constituído por aqueles que outrora não eram um povo: «raça eleita, sacerdócio real, nação santa» (1 Pe 2, 9);
- vem-se a ser *membro* deste povo, não pelo nascimento físico, mas pelo «nascimento do Alto», «da água e do Espírito» (Jo 3, 3-5), isto é, pela fé em Cristo e pelo Baptismo;
- este povo tem por *Cabeça* Jesus Cristo (o Ungido, o Messias): porque a mesma unção, o Espírito Santo, flui da Cabeça por todo o Corpo, este é o «povo messiânico»;
- «a *condição* deste povo é a dignidade da liberdade dos filhos de Deus: nos seus corações, como num templo, reside o Espírito Santo»⁴⁴;
- «a sua *lei* é o mandamento novo, de amar como o próprio Cristo nos amou»⁴⁵; é a lei «nova» do Espírito Santo⁴⁶;
- a sua missão é ser o sal da terra e a luz do mundo⁴⁷. «Constitui para todo o género humano o mais forte germen de unidade, esperança e salvação»⁴⁸;
- o seu destino, finalmente, é «o Reino de Deus, o qual, começado na terra pelo próprio Deus, se deve dilatar cada vez mais, até ser também por Ele consumado no fim dos séculos»⁴⁹.

⁴⁰ São Justino, Apologia 1, 61: CA 1, 168 (PG 6, 421).

⁴¹ Cf. Heb10, 32.

⁴² Cf. 1 Ts 5, 5.

⁴³ São Gregório de Nazianzo, Oratio 40, 3-4: SC 358, 202-204 (PG 36, 361-364).

⁴⁴ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 9: AAS 57 (1965) 13.

⁴⁵ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 9: AAS 57 (1965) 13; cf. Jo 13, 34.

⁴⁶ Cf. Rm 8, 2; Gl 5, 25.

⁴⁷ Cf. Mt 5, 13-16.

⁴⁸ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 9: AAS 57 (1965) 13.

⁴⁹ II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 9: AAS 57 (1965) 13.

1243 A *veste branca* simboliza que o batizado «se revestiu de Cristo»⁵⁰: ressuscitou com Cristo. A *vela*, acesa no círio pascal, significa que Cristo iluminou o neófito. Em Cristo, os batizados são «a luz do mundo» (Mt 5, 14)⁵¹. O recém-batizado é agora filho de Deus no seu Filho Único e pode dizer a oração dos filhos de Deus: O *Pai-Nosso*.

2105 O dever de prestar a Deus um culto autêntico diz respeito ao homem individual e socialmente. Esta é «a doutrina católica tradicional sobre o dever moral que os homens e as sociedades têm para com a verdadeira religião e a única Igreja de Cristo»⁵². Ao evangelizar incessantemente os homens, a Igreja trabalha para que eles possam «impregnar de espírito cristão as mentalidades e os costumes, as leis e as estruturas da comunidade em que vivem»⁵³. É dever social dos cristãos respeitar e despertar em cada homem o amor da verdade e do bem. Esse dever exige que tornem conhecido o culto da única verdadeira religião que subsiste na Igreja católica e apostólica⁵⁴. Os cristãos são chamados a ser a luz do mundo⁵⁵. A Igreja manifesta assim a realeza de Cristo sobre toda a criação, e em particular sobre as sociedades humanas⁵⁶.

⁵⁰ Cf. Gl 3, 27.

⁵¹ Cf. Fl 2, 15.

⁵² II Concílio do Vaticano, Decl. *Dignitatis humanae*, 1: AAS 58 (1966) 930.

⁵³ II Concílio do Vaticano, Decr. *Apostolicam actuositatem*, 13: AAS 58 (1966) 849.

⁵⁴ Cf. II Concílio do Vaticano, Decl. *Dignitatis humanae*, 1: AAS 58 (1966) 930.

⁵⁵ Cf. II Concílio do Vaticano, Decr. *Apostolicam actuositatem*, 13: AAS 58 (1966) 850.

⁵⁶ Cf. Leão XIII, Enc. *Immortale Dei*: Leonis XIII Acta 5, 118-150; Pio XI, Enc. *Quas primas*: AAS 17 (1925) 593-610.